

O CAMPO DO DESIGN

e a crise do monopólio da crença

O CAMPO DO DESIGN

e a crise do monopólio da crença

ALBERTO CIPINIUK

Blucher

O campo do design e a crise do monopólio da crença

© 2017 Alberto Cipiniuk

Editora Edgard Blücher Ltda.

Revisão: Ana Santos Maia

Projeto gráfico, diagramação e capa: Fabiana Oliveira Heinrich

Imagem da capa: *Faetonte, As Quatro Desgraças*, de Hendrick Goltzius, 1588.

The MET (metmuseum.org) / Creative Commons.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cipiniuk, Alberto

O campo do design e a crise do monopólio da crença / Alberto Cipiniuk. – São Paulo : Blucher, 2017.

190 p. : il. color.

Bibliografia

ISBN 978-85-8039-268-5 (e-book)

ISBN 978-85-8039-267-8 (impresso)

1. Desenho industrial – Estudo e ensino
2. Designers - Profissão 3. Desenho industrial – Filosofia 4. Desenho industrial – Aspecto político I. Título.

17-1024

CDD 745.201

Índices para catálogo sistemático:

1. Desenho industrial - Ensaios

PARA *Nádia*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus colegas que tiveram a ocasião de ler o manuscrito desse livro e que preferi colocar em ordem alfabética, contudo, *in pectore*, penso que cada um deles sabe exatamente qual é o meu débito pessoal em relação às críticas que fizeram.

Fabiana Oliveira Heinrich, Irina Aragão dos Santos, Karl Georges Meireles Gallao, Marcelo Vianna Lacerda de Almeida e Wilson Silva Prata.

CONTEÚDO

Apresentação 11

PRIMEIRA PARTE

1. No campo do design reina uma hipocrisia estrutural 31
2. O design é uma prática social 49
3. O valor de uso e o valor de troca, dois exemplos práticos 65
4. O que é isso que é uma prática social 78
5. Uma forma de ver as coisas do mundo 84
6. A insistência dos valores individuais e a visão como um fenômeno exclusivo da categoria profissional 90
7. O que se pensa sobre design e quem formula esse pensamento 99
8. A literatura do design como forma de legitimação de uma prática profissional 113
9. A literatura artística para quem? 119
10. Formas de legitimação teórica empregadas para a permanência de uma prática social 121
11. O design como um conjunto de postulados conservadores 122
12. Alguns exemplos da importância e da necessidade das discussões críticas 125

13. Como podemos distinguir qual é a fronteira entre uma obra de arte e um objeto de design? 128
14. A colaboração das ciências sociais 130
15. Os objetos definidos pela dinâmica social 132
16. Simples assim 133
17. Ainda práticas sociais 137
18. Três fórmulas narrativas e mais uma pergunta 140

SEGUNDA PARTE

19. *Modus operandi* dos docentes do campo 147
20. Argumento da autoridade 160
21. As escolas de design como espaço de tomada de posição, ocupado por aqueles que desejam a privatização do monopólio das tomadas de posições 163
22. A “coisa em si” ou a obra de arte e o objeto de design 167
23. Crise do monopólio da produção de produtores 171
24. Os fatores que nos levaram à queda do paraíso 174
25. Segredo de polichinelo 184

APRESENTAÇÃO

Algumas partes deste livro foram escritas no início de 2013 e as ideias foram se desdobrando durante os dois anos subsequentes. O livro estava planejado para ser publicado em 2016, mas com a agravamento da crise econômica aqui no Brasil, as iniciativas para sua publicação foram sendo retardadas, portanto, até o início de 2017 me dediquei à correção e aos detalhes, enfim, a todas as releituras em que aquilo que havia sido escrito foi sendo esmiuçado e aprimorado. O resultado me pareceu trazer para o leitor um texto mais sólido no assunto que pretendo tratar. Assim, se por um lado este livro reflete a temporalidade dos eventos ocorridos nesses três anos, também possui uma unidade e acaba convergindo para onde eu queria chegar. Admito que às vezes o texto pode parecer errático ou não linear, isto é, embora pareça marcado pela perplexidade dos vários eventos históricos vividos desde que decidi escrevê-lo, houve um fio condutor que se justifica pelos fins desejados.

No plano geral, os primeiros escritos desse texto coincidem com as famosas Jornadas de Junho no Rio de Janeiro, marchas populares que ocorreram em 2013, nas quais houve a destruição sistemática de mobiliário urbano por um grupo que se apresentava como herdeiro dos *Black Blocks*. Naquela ocasião, as depredações me pareceram ser destruições planejadas por movimentos de extrema direita para desestabilizar o governo federal na véspera das eleições presidenciais e que acabaram elegendo mais uma vez a coalizão PT/PMDB e Dilma Rousseff. A mídia informava que as marchas se explicavam por conta do

aumento do preço das passagens de ônibus em vinte centavos, mas esse tipo de argumentação me parecia vago ou ingênuo. Nessa explicação havia algo fora do lugar. Outras partes do texto que escrevi coincidem com a demonstração de ódio generalizado aos vencedores das eleições presidenciais, nitidamente estimulado pela mídia de um modo geral. A mídia também se encarregou de açular as movimentações políticas dos partidos de oposição e a adesão do PMDB para a consecução do *impeachment* da presidenta mesmo sem motivos claros; a mídia refestelou-se com o golpe político propriamente dito e em seguida pareceu festejar a atabalhoada ação governamental de Michel Temer e seus ministros comprovadamente corruptos. Tudo continuou como antes: benefícios, poderes e privilégios, enquanto o país afundava economicamente. Logo no início do novo governo tivemos a notícia da supressão do Ministério da Cultura e, depois de grande resistência, da sua restituição, por força de protestos. A mídia também se dedicou às prisões e aos vazamentos das delações premiadas dos processos encaminhados pelo juiz Sergio Moro, claramente politizado como uma espécie de salvador da pátria; houve a *débâcle* econômica generalizada, com desemprego em massa, mesmo que a mídia divulgasse promessas de um novo paraíso econômico com investimentos vindos do exterior, que nunca chegaram. Ora a favor, ora contrária, como é o seu ambíguo feitio, a mídia divulgou também a sistemática ação política de deputados conservadores e o crescimento revigorado dos partidários da ultradireita, a bancada da bala e os ultrarreligiosos. Pelas notícias também ficou clara a definitiva constatação da politização e partidarização do poder judiciário, que hoje ameaça seriamente a República. Durante o ano de 2016, houve ainda o encaminhamento de propostas para supressão da previdência social. Essa mudança de regras praticamente impediria que as pessoas pudessem se aposentar depois de contribuírem anos seguidos, com o argumento de que não havia dinheiro suficiente para bancá-las. O ataque à previdência social pública foi acompanhado de propostas para supressão dos direitos trabalhistas, em vigor no país desde o tempo de Getúlio Vargas. Essas medidas deixaram a nação entristecida e sem saber o que fazer. Na segunda metade do ano, a crise política e finan-

ceira do Estado do Rio de Janeiro e o cancelamento do pagamento de salários de funcionários ativos e inativos fizeram o pano de fundo dos meus escritos, afinal, sou funcionário público aposentado.

Também houve eventos externos presentes como pano de fundo desses escritos, iniciando com a chamada *primavera árabe* no Egito. Naquela ocasião, foi divulgado pela mídia que o êxito da democratização do Egito caminhava para a constituição de mais um estado fundamentalista, daí houve um golpe militar e ela foi suprimida por militares legalistas. Nesse período ainda pudemos acompanhar a destituição de todos os governos independentes do norte da África contrários à política imperial norte-americana e assistir a colocação de governos favoráveis, isto é, a manutenção da monarquia marroquina e do Estado de Israel, tal como do estado “tampão” da Jordânia. Vimos também o acirramento das ações guerreiras do Estado Islâmico, com um emprego de forças e disposição jamais vistas em tempos recentes e que resultaram no ataque ao jornal satírico francês *Charlie Hebdo*, degolações de suspeitos de espionagem, detonações de bombas na Bélgica, fuziladas em Paris, atropelamentos em Nice e bombardeio e integral destruição de cidades na Síria. Vimos horrorizados o drama dos refugiados econômicos e políticos e os sistemáticos afogamentos no mar Mediterrâneo. Acompanhamos a divulgação de escândalos sobre pedofilia na Igreja Católica; na Europa, vimos governos socialistas defendendo ações neoliberais e governos nitidamente fascistas serem eleitos democraticamente; fomos surpreendidos por um conflito armado entre povos irmãos na Ucrânia e Rússia; acompanhamos a saída do Reino Unido da União Europeia, apelidada de *Brexit*. Deixamos de lado as antigas teorias conspiratórias e passamos a vê-las concretamente, com os escândalos de espionagem exercida de modo sistemático pelos Estados Unidos e, finalmente, a eleição de Donald Trump, contra tudo e contra todas as previsões esperadas.

Todos esses acontecimentos históricos me deixaram confuso e perplexo, pois estavam presentes enquanto eu escrevia. Eles ajudaram a dar forma àquilo que estava informe. O mundo inteiro me parecia como se estivesse de cabeça para baixo. Houve também incidentes de

ordem pessoal que reforçaram a percepção negativa desses eventos fora do comum. O primeiro foi uma acusação infundada de homofobia por um aluno meu de graduação, no primeiro semestre de 2013. Um grande mal-entendido, que foi acatado pelos meus colegas com o objetivo de me expulsar do Departamento e, se possível, da Universidade. Essa extravagante decisão, um verdadeiro linchamento moral, foi tomada depois de eu estar trabalhando na mesma unidade universitária havia trinta anos.

Desde o início, eu já sabia que essa devastadora denúncia era contra a minha reputação e seu desleal encaminhamento era uma perseguição contra aquilo que penso e que só se justificava porque meus colegas a empregavam para a realização de desejos particulares, que até agora ainda não pude identificar claramente quais foram. Esse fato nos faz lembrar do famoso caso da Escola de Base em São Paulo, no ano de 1990, que destruiu a vida de pessoas por conta de uma espécie de histeria coletiva contra a pedofilia. Os fatos nunca ficaram esclarecidos, mas em verdade era para que nada ficasse realmente esclarecido, pois nada tinha acontecido, apenas suposições e um comportamento vergonhosamente antiético de uma mídia que produziu uma verdadeira comoção nacional. Finalmente, já no final de 2015, o reitor da PUC-Rio, assessorado pelos órgãos superiores da universidade, conduzido especialmente pelo Decano do CTCH, deu o caso por terminado. No entanto, a mágoa e a tristeza permaneceram e certamente esses acontecimentos conduziram meus pensamentos e os amalgamaram para formar um conjunto de argumentos que me levaram a escrever de modo mais radical. O segundo evento pessoal foi o falecimento de minha mãe, uma senhora judia nascida em Varsóvia e também refugiada econômica de uma Europa devastada, que à sua maneira tentou me ensinar a lutar contra o fascismo e sordidez humana.

Durante a redação deste livro, eu tinha clareza suficiente para afirmar que esse conjunto de acontecimentos históricos gerais e pessoais tinha um ponto em comum: o avanço ou caminho próprio do modo de produção capitalista para manter seu poder de ação, que é a causa primeira dessa falta de sentido e da percepção generalizada de as coisas

estarem fora dos seus lugares ou de cabeça para baixo. É inequívoco que não podemos considerar todos esses eventos históricos, nacionais e internacionais, como situações isoladas umas das outras, trata-se da percepção de uma grande transformação social que está tomando forma no mundo de hoje, acontecendo dia a dia, e poucos sabem explicar por que ela estava ocorrendo.

Embora eu seja alguém que pode se dizer de esquerda, devo ser como qualquer um dos meus leitores, penso. Com isso, quero deixar claro que não sou sectário e, desde que me convençam, posso mudar de opinião. Acho que não deixarei de ser de esquerda, mas posso rever as bobagens que por vezes digo ou escrevo. Logo, tal como todo mundo que pensa, às vezes tenho dúvidas, sinto-me inseguro em ter as convicções que tenho, afinal, em todo esse período, enquanto a mídia se encarregava de propagandear os horrores das assim chamadas ditaduras socialistas, especialmente contra o governo populares ou bolivarianos na América Latina, eu podia ler e ouvir sistemáticos comentários contra aquelas pessoas que, aqui no Brasil, falam alto em restaurantes e que não possuem modos ou não dispõem do decoro necessário para viajarem de avião, isto é, os outrora miseráveis ou pobres, que ascenderam socialmente depois dos governos do Partido dos Trabalhadores. É claro que nunca gostei de barulho em restaurantes e de maus modos de modo geral, mas os argumentos apresentados contra o povão eram insuficientes para que eu mudasse minha forma de pensar. Ademais, depois do golpe perpetrado contra o governo Dilma Rousseff, o que a mídia divulgava era que o Brasil ia se estabilizar novamente, voltaria a crescer de modo seguro, pois estaria livre dos corruptos e se tornaria uma grande nação, próspera, justa e feliz. Que o capitalismo neoliberal era uma coisa boa, que trazia progresso tecnológico, barateamento das passagens aéreas, possibilidade de as pessoas jantarem fora com suas famílias. Porém, e isso me parece ser óbvio para qualquer um de nós, seja de esquerda ou não, havia qualquer coisa que estava fora do lugar.

Como sou eu que escrevo essas linhas, sei que também sou agente ou ator histórico desses dias, construtor e destruidor das coisas que me cercam. Sei que atualmente as pessoas mais pobres são a maioria da

população do mundo, mas infelizmente são as criaturas mais desprezadas e insignificantes, caso algum dia tenham tido alguma importância em relação a todos os problemas que nos cercam. No meio social em que transito elas são praticamente silenciadas, praticamente invisíveis. Embora sejam tema de quase todas as notícias veiculadas na mídia, paradoxalmente ninguém fala delas.

Segundo a OXFAM¹ (*Oxford Committee for Famine Relief*), uma ONG britânica de assistência social e combate à pobreza, no ano passado (2016) eram sessenta e dois bilionários e hoje, um ano depois, apenas oito pessoas têm a posse de uma riqueza igual à da metade da população mundial². No entanto, sabemos que certamente essa concentração de riqueza não foi por conta do trabalho e dos esforços que realizaram, e sim que saiu das mãos daqueles que não têm direito a falar. A notícia sobre essa meia dúzia de ricos e poderosos concretiza o que dissemos, pois é claro que essa concentração de riqueza está em relação direta com a pobreza dos mais pobres, mas o que é mencionado é a riqueza dos ricos e não a pobreza dos pobres.

Sei também que a desigualdade social não é um fenômeno novo na história da humanidade, assim, durante esse período em que escrevia, eu me perguntava sobre o porquê de o mundo estar arrevesado. Gostaria de saber se eu estava colaborando para construir ou destruir essa noção. Afinal, se o mundo não está de cabeça para baixo eu não deveria estar falando ou escrevendo sobre isso. Ainda assim, em quase todos os lugares em que transito, quase todas as pessoas com quem tenho ocasião de conversar, as quais eventualmente não teriam motivos para reclamar de nada, todas estavam com a mesma sensação que eu, e também mencionavam que o mundo parecia estar de cabeça para baixo.

1 Divulgado no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça. Dois dias depois, a mesma ONG divulgou que aqui no Brasil a situação era equivalente. Eram apenas seis brasileiros (Jorge Paulo Lemann, Joseph Safra, Marcel Herrmann Telle, Carlos Alberto Sicupira, Eduardo Saverin e João Roberto Marinho) que possuíam o mesmo que a metade da população do país, isto é, cem milhões de brasileiros. <http://www.aljazeera.com/news/2017/01/oxfam-men-rich-world-170116080621379.html>. Acesso em 16 de janeiro de 2017.

2 Cerca de três bilhões e seiscentas mil pessoas.

Seria por conta das próprias pessoas? A humanidade era assim mesmo e eu estava apenas me associando à noção de uma utopia romântica? Afinal, existiam experiências empíricas, que constatee na própria pele, que provavam que não podíamos confiar em mais ninguém, pois todos agiam de má-fé e que o fundamental era cuidar de si mesmo? Por que todas as pessoas reclamavam tanto? Por que se pensavam como estrangeiros e diziam que os brasileiros não tinham consciência política e só votavam em políticos corruptos? Será que não estaríamos cometendo o mesmo erro? Perguntava-me por qual motivo essas pessoas não se organizavam para resistir e enfrentar aqueles que faziam com que tudo desse errado, assim como resistimos para manter o Ministério da Cultura funcionando, ainda que parecesse ao governo golpista uma despesa desnecessária?

Ora, essa não era a primeira vez que estavam acontecendo transformações sociais dessa magnitude. Os personagens de *Asterix o Gaulês*, bravos guerreiros que não se subsumiram à opressão de César e do Império Romano, também tinham medo de que o céu desabasse sobre suas cabeças. Para o povão aqui no Brasil, manipulado por uma mídia absolutamente comprometida com o desenvolvimento da lógica perversa e excludente do grande capital, eu podia entender por qual motivo escolhiam mal os seus representantes no Congresso, afinal são as pessoas mais pobres e os mais fracos socialmente. Contudo, sempre soube, também, que não era propriamente uma verdade afirmar que o povão votava mal. O problema é que nunca deixaram ele votar com liberdade. A quantidade de dobras existentes na Lei Eleitoral, os famosos casuísmos, permitem quase tudo, incluindo o voto livre.

Compreendo também porque o povão desenvolve uma capacidade de fabulação dotada de meios para inventar seus heróis e seus monstros, tal como fantasiou a existência do chupa-cabra. Os famélicos, silenciosos e macerados zumbis que transitam pelas noites, nas ruas da zona sul carioca, revirando sacos de lixo ou catando latas e garrafas, não têm como se defender de massivas campanhas diversionistas, factoides martelados diuturnamente pela televisão e outros meios de comunicação, mas têm capacidade para inventar seus próprios heróis e monstros. Os

heróis que inventam não são os barbeados jovens heróis das novelas e filmes que assistimos na televisão, do mesmo modo, os seus monstros são tão ou mais horripilantes que os que criadores de imagens são capazes de inventar.

Mas o que dizer de meus colegas na universidade? Por qual motivo pessoas ricas e viajadas, instruídas em ótimas escolas, falando idiomas estrangeiros, possuíam essa dupla moralidade? Que tipo de monstro ou heróis eles são capazes de inventar? Por que demonstraram uma aparente preocupação com minha filha e netas que moram na França, por conta dos atentados terroristas e, ao mesmo tempo, me atacaram com uma fúria de igual intensidade? Por que desejavam me cassar o direito ao trabalho que realizo dedicadamente há tantos anos? Que coisa tão monstruosa eu poderia estar fazendo? E mais, depois de trinta anos trabalhando juntos, será que ninguém ainda havia percebido antes essa deformação?

Como podem ver, de acordo com uma perspectiva geral ou particular, esse livro começou a ser escrito com a confirmação de que, de modo geral, as pessoas não são respeitadas. Não são respeitadas não apenas por conta de serem pobres, mas por conta de sua condição étnica, por pertencimento a essa ou aquela nação, por esse ou aquele gênero, por essa ou aquela orientação sexual, por essa ou aquela ideologia. Meus escritos foram realizados associados à consciência de uma falta de respeito generalizada no mundo em geral e na minha vida em particular. Em nome dessa falta de respeito, percebe-se que pessoas que possuem algum tipo de poder agem argumentando que é preciso que alguém faça alguma coisa para que a vida volte a ter o equilíbrio e estabilidade que possuía antes. Que precisamos de um novo Hércules, um herói que nos desvencilhe dos grilhões, tal como em seu décimo segundo trabalho libertou Prometeu.

Muitas vezes essa pretendida ação libertadora realizada por um herói é trazida como argumento de justificativa para que o gás pimenta ou lacrimogêneo seja aspergido sobre professores que estão nas ruas reclamando por salários não recebidos, afinal, não há dinheiro em caixa para pagamento do funcionalismo público. Ora, é claro que todos

devem ser nivelados pela Justiça, pois essa instituição, a que está em vigor, é a única que possui os instrumentos necessários e pode nos levar a uma regulamentação, nivelando as nossas diferenças, desde que as leis sejam verdadeiramente emanações da vontade do povo. Ocorre que o que está acontecendo é que estamos cientes, além de termos a impressão, de que as leis não são válidas para todos igualmente. Manifestamente, existem alguns poucos que possuem mais direitos do que todos os outros.

No geral isso poderia ser também a comprovação de que o Estado não possui os meios para gerir a coisa pública e que deveríamos entregar a sua gestão à iniciativa privada, aos capitalistas empreendedores, pois a mídia divulga quase o tempo todo que sabidamente eles demonstram sucesso nas ações em direção ao progresso e ao desenvolvimento. Como saber o que é melhor para nós? Como colocar o mundo novamente sobre os seus pés e com a cabeça para cima?

Meu trabalho como professor e pesquisador no Campo do Design não é isolado ou independente dos acontecimentos sociais que me cercam. Não vivi esses anos isolado em meu gabinete de trabalho escrevendo sobre arte e design sem ao mesmo tempo realizar conexões com as coisas que estavam acontecendo. Perguntava-me como poderia colaborar para resolver esses graves problemas sociais que estávamos vivendo. Perguntava-me quem poderia ser o nosso herói libertador e quem tinha razão nessa história toda: Hércules ou o monstro? Isto é, Hércules ou a Hidra³ de muitas cabeças? Como sabemos, quando Hércules combateu a Hidra de Lerna, cada vez que ele cortava uma cabeça, nasciam mais duas. A metáfora de uma criatura monstruosa como a Hidra de Lerna é extremamente atual, pois em lugar dos problemas se resolverem, eles se multiplicam, ficam mais e mais complexos. Mas aqui, estou perguntando: quem são os verdadeiros monstros em toda essa história, quem são os ladrões e patifes do mundo de hoje? Hércules ou a Hidra? Como

3 Aqui estou me referindo à Hidra de Lerna e suas três cabeças, embora mais acima tenha mencionado indiretamente outra criatura monstruosa da mitologia grega de três cabeças e que Hércules também combateu no seu décimo segundo trabalho antes de libertar Prometeu: o cão Cérbero, que guardava o mundo inferior.

O trabalho dos designers é dar forma ao informe. Assim como os artistas, eles são capazes de concretizar coisas abstratas, produzir imagens. Esse é o trabalho dessa categoria profissional. É para isso que são preparados. Essas alegorias ou mitos que estamos mencionando, o chupa-cabras, Hércules, a Hidra de Lerna, Cérbero, têm um porquê nessa apresentação. A imagem que aparece na capa desse livro, uma gravura em *tondo*⁵, que Hendrick Goltzius fez a partir de uma pintura de Cornelis Cornelisz, pertence a uma bela série intitulada “As quatro desgraças”, publicada em 1588, e é uma metáfora do que estou tentando tratar.

Na verdade, esta série de quatro gravuras de personagens da mitologia grega é uma belíssima alegoria de nosso tempo: todas representam homens caindo – Ícaro, o mais famoso entre eles, Faetonte, Ixião e Tântalo. Mas por que homens em queda? Mais acima mencionávamos que o mundo parecia estar de cabeça para baixo, daí e por conta disso, quem está no mundo, cai. Enfim, minha intenção não é tratar dessas gravuras, mas dar forma concreta à sensação de queda, pois a imagem da capa do livro é a de Faetonte, filho de Apolo que teria cometido o crime da ousadia. Ele quis conduzir a carruagem de seu pai, isto é, o Sol, e não foi feliz naquilo que pretendeu. Escolhi a gravura de Faetonte, mas poderia ter escolhido qualquer uma das outras que fazem parte da mesma série. Essa escolha se deveu ao porquê de esses homens caírem. Fiquei fascinado pela maneira como esse artista havia representado homens em queda, pois ele tinha conseguido traduzir o mesmo sentimento a que estamos tentando dar forma nos dias de hoje, e certamente, por outros meios ou suportes, devemos estar produzindo imagens igualmente vigorosas dessa mesma sensação.

Como cheguei a essas gravuras? Em 2014 eu tive a oportunidade de visitar uma exposição no Museu do Prado em Madrid, intitulada *Las Furias – De Tiziano a Ribera* (de 21/01/2014 até 04/05/2014) e pude perceber como diferentes artistas do século XVI empregaram esses perso-

5 *Tondo* é o nome técnico de pinturas, esculturas e gravuras que possuem uma forma circular. O termo vem do termo italiano *rotondo*. Ver MARCONDES, Luiz Fernando. **Dicionário de termos artísticos**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1998.

nagens mitológicas para traduzir complexos estados de ânimo que, de certo modo, possuem uma forte conexão com os dias de hoje. Durante a minha licenciatura em história da arte, eu havia estudado os artistas do maneirismo por um ótimo livro de Hauser⁶ e já compreendia o que o intelectualismo dessas imagens representava. As Fúrias, por exemplo, eram criaturas míticas femininas que personificavam a vingança e o castigo. Eram as zeladoras responsáveis pelo cumprimento das sanções a serem executadas por aqueles que haviam caído no Hades.⁷ Durante o século XVI ainda não existiam designers, mas por diferentes razões essas imagens estiveram presentes, alguém as encomendou e alguém se dispôs a realizá-las, havia uma disposição social para houvesse uma demanda concreta para que essas imagens fossem produzidas e penso ser importante explicar o porquê.

Ocorre que na Idade Moderna essas imagens de homens caídos pertencem ao período de surgimento do capitalismo. O período da história da humanidade em que terras comuns, rios, lagos e florestas, assim como tudo que existia ou que vivia nelas, coisas públicas e pertencendo a todos e todas, passaram a ser privatizadas, para dar impulso ao intenso mercantilismo que ocorria depois das navegações para o Oriente e Américas pelo Atlântico. Esse foi um período histórico no qual, nas Ilhas Britânicas, por exemplo, os campos passaram a ser cercados e os camponeses expulsos de suas casas e de suas formas tradicionais de subsistência. Como ficaram vagando pelas estradas e cometendo pequenos roubos, foram vistos e tratados como criminosos, daí eram presos por vagabundagem, açoitados e, quando não eram enforcados por crimes comuns, quase sempre eram deportados para realizar trabalhos forçados nas *plantations* das colônias americanas, que por sua vez também tinham sido tomadas dos indígenas e privatizadas. Com mulheres ou crianças a coisa era semelhante. No caso das mulheres,

6 HAUSER, Arnold. **Maneirismo: a crise da Renascença e a origem da arte moderna**. São Paulo: Perspectiva, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

7 Hades é o deus grego do mundo inferior e que nós chamamos de inferno, mas Hades é também o nome do seu reino.

havia o agravante de que eram acusadas de feiticeiras ou bruxas e muitas vezes queimadas em praça pública. No caso das crianças, mesmo aquelas que tinham famílias eram sequestradas e igualmente enviadas para o trabalho escravo nas colônias. As deportações não foram, portanto, casos isolados, mas uma verdadeira política de Estado que, antes da escravatura dos negros africanos, enviou milhares de pessoas para o trabalho forçado e a morte.

Enfim, mais ou menos como nos dias de hoje, quando vemos colegas professores, médicos, policiais e todo o funcionalismo público sem seus salários, sem condições básicas de subsistência, devastações das poucas florestas nativas que restaram, demarcações predatórias de terras indígenas para dar lugar a *plantations* ou criação de gado, escola e hospitais públicos sendo desmantelados, motins em prisões e assim por diante. Ao mesmo tempo, surpreendentemente, a mídia se esforça para transformar esses eventos em coisas normais na vida de homens e mulheres. Todas essas efemérides são apresentadas como se não tivessem comunicação entre si e de modo geral essas situações são acontecimentos normais do mundo em que vivemos e, segundo os guardiões da doxa, não deveríamos reclamar, mas aceitá-los resignadamente. Nesse momento, nos perguntamos por que isso está acontecendo. Por que antigos direitos estão sendo desfuncionalizados, por que está tudo como se estivesse de cabeça para baixo.

Gostaríamos de chamar a atenção dos leitores para que fizessem conexões entre os assuntos que estão sendo tratados: trabalhadores possuindo direitos sociais, indígenas, mulheres, crianças, pessoas que não possuem trabalho e, consequentemente, direitos sociais, enfim, pessoas que estão sendo claramente desrespeitadas, em nome de uma nova ordem econômica que se apresenta como melhor que a anterior, mais desenvolvida e progressista.

Aqueles que se rebelam são acusados de conspirar contra a ordem estabelecida e precisam ser castigados, tal como, no passado, as Fúrias eram as autoridades chamadas para zelar pelos castigos dos que haviam enfrentado a autoridade dos deuses. As imagens das Fúrias, dos homens em queda ou sendo remetidos ao Hades para pagar pelos cri-

mes cometidos, são concretizações, alegorias dessas políticas autoritárias para manutenção de poderes. As Fúrias eram e são representações da ferocidade e ódio contra as pessoas que defendem o bem comum e contrárias às privatizações daquilo que é público. Hoje, elas podem ser comparadas a essas pessoas mal informadas que batem panelas das janelas de seus apartamentos quando escutam um líder popular falando pela televisão.

No mundo mitológico grego, os condenados eram aqueles que haviam cometido crimes. Ícaro cometeu o crime de desrespeito à recomendação de manter um voo baixo e não se aproximar demasiadamente do Sol. Jovens são entusiastas e ele pagou caro por seu arrojo. Ixião foi rei dos Lápidas na Tessália e, após ter desposado Dia, não entregou ao pai da noiva os presentes que havia prometido e ainda acabou por matá-lo, por isso suscitou o horror de todos. Penalizado, Zeus o imortalizou, mas Ixião tentou seduzir sua mulher Juno, daí o deus dos deuses amarrou-o a uma roda de fogo e lançou-a através dos ares, caindo no Tártaro e condenado, coitado, a sofrer eternamente. Tântalo, filho de Zeus e da ninfa Pluto, revelou aos homens várias conversas dos imortais; roubou o néctar e a ambrosia para oferecer às suas concubinas; pediu emprestado a Mercúrio o cão de Zeus e não o devolveu e, finalmente, matou o próprio filho e serviu-o aos deuses em um banquete. Precipitado ao Hades, foi condenado a padecer de fome e sede. É curioso observarmos o que os gregos do passado entendiam ser um crime.

Mais ainda, os deuses também cometiam crimes, aliás, realizavam as maiores crueldades só porque eram deuses. O crime mais importante naquele mundo de deuses, que também era o do povo grego, era sobretudo o da ousadia. A petulância de ir contra a ordem estabelecida pelos deuses, contra os donos do poder. Como traduzir para os dias de hoje o horror, a violência e angústia das pessoas comuns que ousam se rebelar contra um poder cada dia mais distante e indiferente?

Aparentemente, outra situação social parece estar em jogo nos dias de hoje. Ou será que estamos assistindo mais uma vez uma concretização da mesma coisa? Seria uma nova cabeça do mesmo monstro, ou seria uma nova criatura teratológica? Temos a sensação de que uma

nova transformação social começou, isto é, de que, ao cortarmos uma das cabeças desse monstro, mais duas aparecerão. Essa sensação não é imaginada, mas concreta e objetiva. Se no século XVI as pessoas que defendiam a socialização das coisas e dos lugares como bens comuns a todos e todas foram perseguidas como rebeldes e vagabundos, devemos nos perguntar: o que os governantes ou poderosos de agora nos propõem? E como os designers entram nesse eventual novo jogo social?

Parece-me que daqui para frente o norte da África e a região do Levante continuarão do mesmo jeito que estão hoje; não há sinais de que nos próximos anos alguma nova política tomará o lugar da atual. Do mesmo modo, o capitalismo neoliberal manterá o complexo industrial-carcerário implantado e os sistemas prisionais dos diferentes países continuará sendo como é, com a diferença que deixará de ser público para ser privado. Tudo indica também que as desigualdades sociais continuarão e nos próximos anos o número de bilionários anunciados pela OXFAM será menor; isso que antes chamávamos de lutas de classes, os conflitos sociais entre ricos e pobres, entre os que defendem o bem comum e aqueles que pregam e impõem a sua privatização, tomarão formas diferentes. Daí o racismo, ultranacionalismo, rivalidades étnicas, conflitos religiosos, homofobia e sexismo presidirão os debates e, no meu modo de entender, passarão a ser mais violentos.

Acredito também que todas as ações chamadas de virtuosas, tal como o cuidado que devemos ter com os mais fracos, particularmente com os mais pobres e vulneráveis, serão desacreditadas publicamente pela mídia e pelas pessoas em geral. É claro que essa desumanidade virá disfarçada, assim como hoje ela nunca é clara e objetiva. A mídia continuará a afirmar que a iniciativa individual, o empreendedorismo, é a melhor virtude, e o critério comercial será o único critério empregado nas trocas sociais, a única simbologia válida, o único valor ou crença defendida, pois o que importará será o que poderá ser ganho, não importa como ou por que meios, pois essa é a coisa certa a fazer. O capitalismo neoliberal, o governo das finanças, continuará a progredir contra o governo do respeito ao trabalho, resultando em mais desindustrialização, destruição de postos de trabalho e desemprego. Os novos

empregos prometidos ainda não chegaram e as pessoas têm pressa, pois conforme Betinho dizia, quem tem fome tem pressa.

Diante desse quadro, o designer, assim como qualquer outra categoria profissional, se vê fragilizado. Antes os designers eram desenhistas industriais, trabalhavam para a indústria, desenvolviam projetos para atender a funcionalidade dos objetos industriais. Com o avanço da globalização e do neoliberalismo, tal como os engenheiros, passaram a se dedicar mais ao planejamento e à logística do que propriamente na produção e desenvolvimento de produtos. A grande maioria dos desenhistas industriais se transformou em designer, isto é, um profissional que vende serviços para qualquer um que possa pagar e, como a indústria não mais investe na produção industrial, passaram a vender sua força de trabalho para os empregos oferecidos pelo grande capital financeiro, passaram a operar para atender a venda de serviços e não mais a produção. Com isso, acompanhamos a precarização das relações de trabalho do designer, em meio à volátil e efêmera carreira do comércio e o desaparecimento das demandas pelos seus conhecimentos nas indústrias, junto a uma ampliação de sua ação profissional para atender aos serviços.

A prática do design hoje é exercida por profissionais desprezados. Quando muito, são empregados oprimidos, como a maior parte dos trabalhadores da sociedade industrial, mas curiosamente guardam um ar de fidalguia com certo exibicionismo. Gostam de aparecer como profissionais que podem resolver todos os problemas, incluindo os problemas da sociedade industrial. Esse livro examina o design como prática social localizada em um contexto concreto e sem mistificações. Nos capítulos que se seguem, minha intenção é demonstrar como o Campo do Design legitima seus agentes de produção e circulação e como esses agentes são responsáveis pela manutenção dessa crença que os designers têm em relação à sua profissão. Penso que desmontando o monopólio da crença, privilégio que está em crise, maiormente reproduzido pelas escolas de design, posso examinar como os pares do campo operam a reprodução dos seus valores e continuam a existir como categoria profissional.

Gostaria de chamar a atenção do meu leitor que não estamos propondo o fim da profissão do designer. Neste livro propomos uma reação de rebeldia contra o *establishment* que age apenas para se defender. Os pares do campo agem de modo egoísta apenas para se protegerem enquanto categoria profissional, pois se veem independentes dos outros acontecimentos históricos e das outras categorias que nos cercam. A ordem estabelecida dentro do campo não gosta que demonstrem como ela é realmente. Não gosta de se perceber como é percebida. Como pude comprovar a baixa qualidade do que oferecem, pude constatar que os meus colegas não dão muita importância aos cursos que ministram, não atendem às urgentes demandas dos que os procuram. Verifiquei que se preocupam sobretudo às ameaças de desmonte da imagem de “modernidade civilizatória” que fazem questão de manter, daí pensei que não poderia ficar contanto com essa leniência e decidi escrever.

Tal como nas imagens de homens que caem, este livro é uma iniciativa pessoal e solitária, resultante não de um crime, mas do exercício de um poder autônomo, o poder de se rebelar e lutar por direitos. É solitário pois é uma luta desigual face aos desafios que se colocaram diante de mim nesse período, aliás, julgo que esses homens que caem, não as figuras mitológicas, mas as muitas pessoas que conheço e se referiram a essa sensação de perda de direitos ou simplesmente de queda, padecem de uma imensa solidão. Contudo, ao resistirem para não serem aniquilados, percebem que existem muitos mais, embora isolados uns dos outros. Nessa solidão se pode enxergar boas ideias, grandes projetos.

Esse trabalho foi solitário pois não tive com quem contar. Percebi que o meu entorno estava contaminado, daí me voltei para minha própria consciência para seguir resistindo. Verifiquei que meus colegas e as instituições eram controlados por uma mentalidade meritocrática que advogava dogmaticamente para si os direitos de indicar quem merecia e o que merecia ser chamado de *correto* no mundo do design. Esse correto era totalmente divorciado do bem comum. Penso que confundem liberdade política, ideológica ou de pensamento com a forma liberalizada de espoliação econômica e de direitos que o capitalismo exerce de modo totalitário, a noção de que têm o direito ou liberdade de privatizar o bem comum.

